QUASEGALERIA

"PEGA DOMÉSTICA”

Ana Fonseca



7 de fevereiro >> 9 de março

Depois do Espaço t, surge a Quase Galeria

Espaço t, espaço de integração pela arte, numa perspectiva de inclusão total, sem tabus, estereótipos, preconceitos e tudo aquilo que segrega o valor humano. Valorizamos apenas a aceitação incondicional do outro.
Numa perspectiva transversal da sociedade, dos ricos dos pobres, dos coxos aos esteticamente intitulados de belos, todos cabem no conceito.
Num mundo cada vez mais desumanizado, solitário, onde todos são "colocados em gavetas", verificamos que o homem apenas representa o papel que lhe é dado, e quase nunca mostra o seu verdadeiro interior.
Com o Espaço t, aqueles que por ele passam ou passaram, crescem e entendem que o verdadeiro homem não é o do "gaveta" mas o do seu interior e entenderam também o que há na sua verdadeira essência, quer ela seja arte bruta, naife ou apenas arte de comunicar, é por si só a linguagem das emoções, a linguagem da afirmação do maior valor humano.
O pensar e o libertar esse pensamento crítico sobre uma forma estética. Esse produto produz uma interacção entre o produtor do objecto artístico e o observador desse mesmo objecto; promovendo assim sinergias de identidade e afirmação melhorando dessa forma a auto estima e o auto conceito daqueles que interagem neste binómio e se multiplica de uma forma exponencial.
Este é o Espaço t,
E apesar de sempre termos vivido sem a preocupação de um espaço físico, pois sempre tivemos uma perspectiva dinâmica, e de elemento produtor de ruído social positivo, ruído esse que queremos que possa emergir para além das paredes de um espaço físico.
Apesar de não priorizarmos esse mesmo espaço físico, pois ele é limitador e castrador foi para esta associação importante conseguirmos um espaço adaptado às necessidades reais e que fosse propriedade desta associação que um dia foi uma utopia.
Com a ajuda do Estado, mecenas, e muitos amigos do Espaço t, ele acabou por naturalmente surgir. Com o surgir do espaço do Vilar, outros projectos surgiram tendo uma perspectiva de complementaridade e crescimento desse espaço, que apesar de real o queremos também liberto desse conjunto de paredes, fazendo do espaço apenas um ponto de partida para algo que começa nesse espaço e acaba onde a alma humana o quiser levar.
Surgiu assim a ideia de nesse lugar criarmos outro lugar, também ele figurativo embora real, chamado Quase Galeria.
Uma galeria de arte contemporânea com um fim bem definido: apresentar arte contemporânea Portuguesa nesse espaço, dentro de outro espaço, onde cada exposição será uma fusão de espaços podendo mesmo emergir num só espaço.
Com este conceito pretendemos criar uma nova visão do Espaço t, como local onde outros públicos, outros seres podem mostrar
a sua arte, desta vez não terapêutica mas sim uma arte no sentido mais real do termo que forçosamente será também terapêutico, pois tudo o que produz bem estar ao individuo que o cria é terapêutico.

Com o apoio das galerias: Graça Brandão, Carpe Diem – Arte e Pesquisa, Carlos Carvalho, Presença, Reflexus /Nuno Centeno, Modulo, 3 +1, Jorge Shirley, Alecrim 50, Ateliê Fidalga (São Paulo/BR), Progetti (Rio de Janeiro/BR), Waterside (Londres/UK), Módulo, Vera Cortes (Contemporary Art Agency), Filomena Soares e com a Comissária e amiga Fátima Lambert, temos o projecto construído para que ele possa nascer de um espaço e valorizar novos conceitos estéticos contribuindo para a interacção de novos públicos no espaço com os públicos já existentes promovendo assim, e mais uma vez a verdadeira inclusão social, sem lamechices, mas com sentimento, estética e cruzamentos sensoriais humanos entre todos.
Queremos que com esta Quase Galeria o Espaço t abra as portas ainda mais para a cidade como ponto de partida para criar sinergias de conceitos, opiniões e interacções entre humanos com o objectivo com que todos sonhamos – A Felicidade.

Jorge Oliveira
O Presidente do Espaço t







ANA FONSECA – PROJETO *PEGA DOMÉSTICA**

0. Antes da *Pega Doméstica*

> « On danse, le plus souvent, pour être ensemble. On se met à plusieurs. »[1]

> « Penetra profundamente no meu rosto um mundo,
> tão desabitado talvez como uma lua;
> mas eles não deixam um único pensamento só,
> e todas as suas palavras são habitadas."[2]

Tudo é uma questão de gosto, eis uma afirmação banalizada, proferida de modo quase automático, a propósito das circunstâncias e situações mais díspares… Efetivamente! Já Wittgenstein o (re)afirmava, evocando a título exemplificativo a metáfora do "gosto", entenda-se "subjetividade sensibilizada", aferida ao paladar do café (sozinho) e do prazer que possa suscitar:

> "Vocês poderiam pensar que a estética é uma ciência que nos diz o que é belo; isso é demasiado ridículo, até mesmo para o dizer. Suponho que então teria que dizer também que tipo de café tem bom paladar (sabe bem)."[3]

Hoje o público tece considerações – com propriedade e lucidez ou não – quando se confronta com atividades, produtos e ideias que se posicionam em termos artísticos ou culturais. As problematizações acerca do "gosto" possuem todo um perfil histórico… que tomou proporções obsessivas no séc. XVIII, genuinamente atravessado pela questão/querela/antinomia estética do "gosto". Na atualidade manifestam-se mais e mais pertinentes, suscitando novas ramificações:

> O padrão de gosto, o *standard*, é uma ideia fixa do Iluminismo. Na sua atenção preferencial às reacções do homem perante as obras artísticas ou as belezas da natureza, não apenas abraça o estético com o psicológico, mas orienta-o em direcção a uma estética do espectador e da recepção.[4]

Hutcheson adiantara argumentos reiterativos de todo o século, quando referia a "universality of taste" como o convénio universal da humanidade no sentido da beleza".[5]

A questão coloca-se quer para David Hume, quer para Edmund Burke, em termos aproximados que se podem enunciar como segue:

> 1. Constatação de uma grande variedade, de diferenças irredutíveis nas apreciações de gosto;

---

[1] Georges Didi-Huberman. *Le danseur des solitudes*, Paris, Éditions de Minuit, 2006, p.9
[2] Rainer Maria Rilke, *Livro das Imagens (1902)*, Lisboa, Relógio d'Água, 2005, p.85
[3] L.Wittgenstein, *Lecciones y conversaciones sobre estética, psícología y creencia religiosa*, Barcelona, Paidós, 1992, p.76
[4] Simón Marchán-Fiz, *La Estetica en la Cultura Moderna*, p.30
[5] Cf. Simón Marchán-Fiz, op. cit. , pp.30 e ss.

2. suspeita de que existem "princípios universais" tão legítimos como os da razão.

Esta Estética Inglesa assume pois o carácter subjectivo/pessoal, e a relatividade do gosto (de inferência cultural), bem como a existência inequívoca de diferentes gostos ou *moods*.

Anteriormente, Baumgarten, na sua *Estética Prática* - estudo da criação poética, estabelecera como condições internas para a concepção da imagem poética como imagem nova feita duma combinação numa ordem diferente:

1. a disposição natural de toda a alma para belos pensamentos, não apenas através da inteligência, mas dos sentidos da visão e da audição; memória; fantasia produtiva.
2. Estabelecia que o poeta deveria cultivar as disciplinas estéticas e metafísicas; a moral, a história e as matemáticas. Devia fazê-lo com entusiasmo.

As condições externas que aconselhava são tais como a prática da equitação; usufruir de seus ócios, bebidas e juventude!

Estes propósitos, vindos do autor a quem se convencionou a efectivação da Estética como ciência autónoma são esclarecedores do teor das considerações feitas em torno à questão da formação do gosto, e vão encontrar posterior elaboração em David Hume[6] e Immanuel Kant.

O dilema da teoria inglesa do gosto situava-se no contraste entre a grande variedade de gostos e a exigência da sua universalidade teórica.

O esteta segundo Hume deveria ser simultaneamente filósofo e perito em Belas-Artes.

A "norma de gosto" não decorre de argumentos autorizados, ou de opiniões que a pretendam definir, mas de uma apreciação estética directa, mistura de raciocínio e sentimento, que é precisamente o "gosto".



[6] A Estética de Hume é percursora da psicologia e sociologia da arte; coloca-se não apenas do lado da análise e estudo das obras, mas antes na óptica do sujeito da experiência estética. Desenvolve estudos psicológicos acerca da natureza do prazer trágico; das ligações da delicadeza de gosto com a delicadeza da paixão; da natureza do estilo: e ainda, das leis psicológicas segundo as quais um autor nos emociona e nos toca.

1. Continuando, e ainda antes, mesmo antes, da *Pega Doméstica*

Parafraseando a caixa alta de um jornal diário portuense da época (1964), o acontecimento tauromáquico seria (e foi) a "1ª tourada em recinto fechado" alguma vez realizada… A "Pega de Caras" é o momento derradeiro, onde os homens defrontam o animal: limpos e sem intermediários ou atributos.
Ana Fonseca desenvolveu, num universo paralelo, a conceitualização de *Pega Doméstica.* Numa abordagem imediata, evocam-se cenas familiares, de desavenças ou contravenções matrimoniais e afins (rsrsrs). Antes e depois, a interpretação do título deste projeto, é conduzida pelas projeções/introjeções que cada um dos elementos do público, possa ou suponha fantasiar.





Não entrarei em considerações (excessivamente) filosóficas acerca do projeto em causa e deliberação – *Pega Doméstica*. Parece-me de justeza evitar as redundâncias, expondo em demasia os excessos ou repetições. Então, focar-me-ei naquilo que sejam as transmutações do mito em suas distintas extrapolações. Simulação e simulacro de factos históricos, biográficos que instauram a fatualidade das situações narradas e propiciam nos espetadores (público) um "estado" dominado pelas estruturas do imaginário.

Ana Fonseca não é Ariadne[7]. No labirinto, tal como o definiu Lima de Freitas, expulsam-se os medos e ensejos de mergulhar na vida em espiral. Esta constitui-se como paradigma. Nem todos os labirintos têm centro. Minotauro não os habita.
O labirinto, segundo Ana Hatherly, seria uma forma privilegiada para atingir a essência de si por analogia à procura empreendida para aceder a cidade de Deus – Jerusalém. Simbolizam os tormentos, as dificuldades nessa jornada: enfim, significam o processo/percurso autognósico que a cada um acede e competirá satisfazer.
As ações promovidas no âmbito de *Pega Doméstica* desenrolam-se em vários "A(c)tos" e "Cenas". O desenvolvimento do conceito assume a proporção de um labirinto (espacio-temporal) onde os protagonistas, figurantes e público se devem, necessariamente, mover ou correm o risco de não mais achar o "seu" fio de Ariadne…
O labirinto, onde a atividade de Ana Fonseca se desenvolve, aparentemente, não alastraria em profundidades que ansiassem por atingir um maior grau de identidade. Sem dúvida, está-se perante um projeto compósito, estabelecido na consecução de uma jornada ironista e – às vezes quase iconoclasta. Certo que mediante a ironia se sabe melhor de si e dos demais. Mas a atitude da artista não almeja patamares herméticos ou ônticos. Movimenta-se numa zona de conforto estético onde as suas referencialidades são cúmplices. Existe, mais do que uma tipologia de labirinto em espiral. O labirinto de circularidade…*ouroboros* talvez… a serpente mordendo a sua própria cauda, é – sem dúvida e também - um labirinto em espiral pois, sendo um símbolo da eternidade, propugna a morte e a reconstrução/restituição. Evidencia afinidade para com a representação do tempo mítico, do tempo divino através da forma simples e derradeira: o círculo. Por outro lado, ao morder a cauda, a serpente não estagna, antes se prepara para evoluir, talvez ansiando pela mudança – ainda que inconscientemente.

(Tempos do mito *versus* remitologizações dos tempos…)

2. Durante a *Pega Doméstica*



[7] http://www.nova-acropole.pt/a_creta.html



A Performance, a realizar na Sala da Música do Palácio dos Carrancas[8] (Museu Nacional de Soares dos Reis), parafraseando Georges Didi-Huberman, destina-se a ser concretizada por uma sequência de "dançarinos da solidão" – lembrando o título da obra, datada de 2006.

Itinerário: vá lá saber-se o porquê para eu me lembrar de *Arca Russa* (2002) de Alexander Sokurov. Talvez porque nesse filme de 96 minutos, a deambulação predisposta ao longo das inúmeras salas de exposição permanente pelo Museu Hermitage, resultou da filmagem ininterrupta e não editada…"in one breath", acontecida em 23 dezembro 2001.
Sokurov faz-nos viajar pelo Palácio, ciceronados por essa espécie de embaixador que nos conduz no tempo dos pintores, personagens históricas, gerando uma espécie de palimpsesto – de cronologias, figuras históricas e situações díspares que, todavia, num direcionamento centrípto, atravessam a convição de que tudo se reúne sem perda ou agravo "num plano só", extrapolando sentidos…a partir de Sokurov. Relembrem-se as suas palavras:

> "A nossa missão não era criar um filme rodado num plano só,
> mas sim filmar uma obra de arte. (…)
> É muito importante para mim que os meus filmes possam trazer
> alguma forma de alegria espiritual aos espectadores. É uma
> exigência, uma condição de minha arte."[9]

[8] O Palácio foi construído no séc.XVIII, para a família Moraes e Castro (apelidados de "Carrancas"), com serventia de residência e fábrica de ourivesaria.O projeto de arquitetura é atribuídp a Joaquim da Costa Lima Sampaio, nome relacionado – em parceria com JohnCarr e John Whitehead- e também colaborando na edificação do Hospital de Santo António e da Feitoria Inglesa.
[9] http://kiriloff.net/portfolio/sites/www.russianark.ru/Final+/eng/film_socurov.html (consultado em setembro 2009)

Em certa medida, todo o projeto *Pega Doméstica*, na duração desta primeira performance, quer no percurso que é vivido pelo público, quer pelos protagonistas, foi determinado por Ana Fonseca, numa ação que reúne tempos. O tempo suposto de uma aceção cultural que reside numa dimensão arquetípica ibérica. O tempo que se associa, de maneira ambígua, a essa corrida de touros – a 1ª a nível mundial – realizada em recinto no Palácio de Cristal, em 1964. O tempo de todas as mulheres (que seduzam e sejam seduzidas) e de todos os homens (que forcados sejam) desde os prenúncios dessa tradição e até ao criticismo que lhes assiste desde há algumas décadas. O tempo da revisitação, uma espécie de "cover" que alimenta a inventividade inesgotável da artista. O tempo de cada um dos bailarinos a recriarem um desempenho que lhes era alheio…donde essa "solidão do movimento". Os tempos questionados de cada um de nós, enquanto espetadores e sujeitos que estão perante essa sobreposicionalidade de tempos que implica a complexa interseção de espaços e seres.

Para cumprir o itinerário, segue-se em cortejo/procissão, desde a Galeria Soares dos Reis até à Sala da Musica.

Apenas os instrumentos musicais, insinuantes e suficientes para designarem o local. Impensável tangê-los. Estão lá, à semelhança dos demais objetos, artefatos e obras da exposição permanente para serem contemplados. Nessa contemplação, que lhes é muda, fantasmagóricas melodias podem eclodir na lembrança dos passeantes no museu. O hieratismo das peças acentua a sua convivialidade connosco que somos todos seu público. Isto é, precisamente por causa de "estarem e serem lá" (da bleiben, da seiend, Heidegger dixit) nos é permitido senti-los de forma tão intensa, deixa-los insinuarem-se nas nossas experiências estéticas. Ocorreu-me quanto os instrumentos musicais, atendidos como potências objetuais simbólicas, se converteram, têm sido suscetíveis em desencadear tantas obras – de Rebecca Horn, Joseph Beuys, David Hammons, Bertrand Lavier, Douglas Gordon, Laura Vinci, Tatiana Blass... Quer na sua condição de objeto isolado, quer em moldes de instalação, quer em ação performatizada, quer em interação no espaço natural. E depois o silêncio ou a reverberação da não-identidade subsumida em silêncio: "Not I"…seguindo Samuel Beckett.

> "Uma série de dez pinturas em *grisaille* nas sobreportas, completam o programa da pintura de ornato da sala. Também Robert Adam utilizava a pintura em *grisaille* nos seus programas de decoração. O conjunto (…) apresenta uma sequência de cenas da Antiguidade alusivas a Diana, que podem ter sido inspiradas nas Metamorfoses de Ovídeo, nomeadamente em "Diana caçadora" em 1, "O Banho de Diana" em 2. Outra distinta sequência de pinturas de sobreportas, representa cenas moralizantes com inspiração nas obras do pintor e gravador inglês William Hogarth (Londres 1697-1764)."[10]

[10] Paula Oliveira Carneiro, *Interiores Neoclássicos civis no Porto: evolução setecentista de uma Estética global*, Universidade de Santiago de Compostela, Faculdade de Geografia e História, Departamento de História de Arte, 2010, pp.573-574, cit. Parissien, *op. cit.*, p. 158

Os medalhões (pinturas de sobreportas), que vigiam os movimentos de quem deambula pelas salas do Palácio (preservados em fidelidade à encomenda dos "Carrancas"), encenam situações e momentos que, curiosamente, se estreitam sob definição de "pega doméstica". "Pega doméstica", por sua vez, e na minha opinião, remete para o conceito de "Conversation Piece", tão ao gosto do séc. XVIII e belamente plasmado – em 1974 - na obra cinematográfica de Lucchino Visconti, sob o mesmo título.

William Hogarh terá sido o artista que inspirou o autor dos mencionados estuques narrativos, sobranceiros e quase roçando o tecto com as saias das suas mulheres em "distress", encerrando-as em formas rectangulares – com intuitos ironistas, moralistas ou escatológicos...? No teto uma *Alegoria à Música*, atribuído a Francisco Vieira Portuense[11].
Os espelhos, por sua vez, desdobram as presenças na sala, espiando as ocasiões.

3. Depois da *Pega Doméstica* - Objetos, lembranças e documentos

Na contemporaneidade constatam-se movimentos, tendências conceituais, indiciadas por tópicos assimilados, em termos antropológico-culturais e simbólicos, instituídos a partir de arquétipos e símbolos pregantes. Estes constituem a substância, a matéria estruturante do "imaginário coletivo", na aceção jungiana. Por outro lado, na análise de Gaston Bachelard, assim como na obra de Gilbert Durand, configuram-se, respetivamente, uma poética do imaginário e uma estética do imaginário.
O projeto *Pega Doméstica* externaliza tais pressupostos, mediante o plasmar dos objetos – uns de valência residual, outros substantivos – expostos quer na Sala d Música do MNSR, quer e sobretudo, os integradores na instalação desenhada para a *Quase Galeria.* Os objetos diferenciam-se em:

- aqueles que foram apropriados pelas artista e se presentificam como tal, evidenciando a sua intensidade psico-afetiva – por exemplo, os que são pertença do seu Pai;
- aqueles que tendo sido compilados, apropriados pelas artista e foram submetidos a transfiguração por sua intervenção;
- aqueles que foram produzidos de raiz pela autora – nele incluindo também os textos ficcionais, tanto quanto as peças esculpidas;
- aqueles que se caraterizam por serem estímulos percetivos e ontológicos, passíveis de elaboração por parte dos espetadores, pelo público.

As pequenas peças moldadas em barro demonstram uma herança que remete para os tempos primordiais, glosando artefactos de adorno capacitados com propriedades mágicas: colar pré-histórico, cabeça de touro…Antes dos episódios da mitologia grega, retrocede até aos confins do Mito, forças cosmogónicas que antecipam a assunção

[11] "Foi levantada a hipótese da intervenção de Vieira Portuense na pintura do tecto desta sala, uma "Alegoria à Musica"1090 (Fig. 185). Apesar de recentemente ter sido estudada a obra deste pintor, a pintura não foi, no entanto, analisada, o que não permitiu confirmar a sua autoria. Examinamos sucintamente os dados que podemos reportar a este assunto.", Idem, ibidem

civilizacional do humano. O touro, a cabeça possuem uma integridade mito-poiética que é regida pela dimensão diurno, dionisíaca e orgiástica.
A articulação, entre estas dimensões epistemológicas distintivas, é conciliadora e viabiliza outras interpretações.
A obra de Ana Fonseca radica num denominador comum que é comungado com outros artistas/autores da contemporaneidade. Relembre-se a *memorabilia* instaurada por Christian Boltanski quando decidiu ficcionar a sua infância – supostamente perdida por razões traumáticas. A genuidade de uma memória de infância escolhida era um garante de muito maior consignação. A ficção excede a factualidade de situações e condições verificadas. Assim, se atenda à efabulação inesgotável que conduz à "organização" de instituições, entidades e fundações que aparentam legitimidade e sustentabilidade. A simulação de episódios descritivos, devidamente fundados em indícios, vestígios com afinidade a padrões de comportamento instituídos, torna plausível a sua eftividade. Não existe nenhum movimento feminino de apoio à forcadagem, não existe nenhuma federação de forcados mas isso sim, existem muitas "pegas domésticas", entendidas numa radicação psicanalítica que nos pode levar a interpretar todo o projeto com "arte-terapêutico", designado a partir de motivações introjetivas e projetivas, desmultiplicando mais e mais algumas das razões que subsistem na ritualidade e simbologia mais intrínsecas da réplica patente na luta entre humano e animal. Onde, por evidência, o humano se confronta com o seu *doppelganger,* que é justamente o homem-besta-animal.
A desmitificação das estruturas e padrões de comportamento aceites – sem questionamento – na sociedade portuguesa, nomeadamente durante o período do Estado Novo – são aqui revistas e ironizadas, para que prevalece a lucidez e inteireza do simbólico-cultural que poderá, todavia, servir para uma remitologização (crítica) das atividades e rituais que talvez nunca percam a sua autenticidade iniciática.

Maria de Fátima Lambert



QUASEGALERIA



SERÃO DE PEGA DOMÉSTICA

ESTREIA MUNDIAL

RAFD

Quase todos os personagens que aparecem neste trabalho são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência

Especial agradecimento ao antigo forcado de arena, Pedro Sepulveda por partilhar as suas memórias e pelo acesso ao seu arquivo fotográfico.

NOV 1964 / FEV2014

PROGRAMA & GUIA PRÁTICO

ANA FONSECA
PORTO 2014


PELA PRIMEIRA VEZ NO MUNDO:
CORRIDA DE TOUROS
EM RECINTO COBERTO

O que é a Pega Doméstica Reminiscente?

Usada pelos Cabos (tanto de arena como domésticos) para re-encenar pegas célebres ou como análise de pegas mal sucedidas pelo grupo anteriormente como parte do treino tanto físico como técnico.

Também popular com os antigos moços de forcado em serões entre amigos onde revivem os 'outros tempos' de heroísmo e camaradagem. Os moços que guardam as suas fardas e que ainda as podem vestir, cheios da valentia e espírito rijo dos tempos passados fardam-se mais uma vez para ouvir as direcções do cabo e brilharem juntamente com amigos e familiares.

Comemoração dos quase 50 anos das míticas touradas do Palácio de Cristal

O ano de 1964 foi marcante por diversas razões como por exemplo a primeira aparição de Jaqueline Kennedy na televisão desde o assassinato do seu marido, Elizabeth Taylor divorcia-se de Eddie Fisher (4º divórcio), Portugal estava em plena Guerra Colonial, Nelson Mandela é sentenciado a pena perpétua.

Apesar da fragmentada e insípida tradição tauromáquica que a cidade do Porto tem, foi aqui que algo de extraordinário teve lugar. A história é feita de momentos como estes.

O Palácio de Cristal foi palco de dois eventos improváveis na história da cidade do Porto, que mudariam para sempre o curso da tauromaquia mundial. Foi devidamente adaptado para praça de touros, onde se realizaram as duas extraordinárias corridas e o mundo pode apreciar o espectáculo tauromáquico em recinto fechado pela primeira vez na sua história!
Salvação Barreto, cabo do Grupo de Forcados Amadores de Lisboa foi um dos impulsionadores deste evento, que contou com grandes nomes do mundo tauromáquico. Os lucros reverteram para a causa nobilíssima do Movimento Nacional Feminino.

Para além das circunstâncias e condições únicas que estão por detrás destas gloriosas corridas de luxo, verdadeiramente inesquecível dentro e fora da arena, a que certamente mais vai interessar os aficionados novos e curiosos será, certamente, o facto de muitos foram os touros que saltaram da praça para a trincheira. Touros pequenos mas cheios de bravura. As restantes são certamente muito técnicas e complexas e não vos queremos aborrecer com isso.

Uma pequena nota sobre os momentos que antecedem a pega:

É pela hora do almoço que os moços de forcado se separam das suas mulheres (oficiais ou oficiosas) para de seguida se juntarem aos restantes membros do grupo de forcados.

Inicia-se assim a verdadeira preparação para o derradeiro momento: a pega do touro!

As emoções não são verbalizadas, são expressadas pela recordação de momentos mais ou menos traumáticos (o nível de dramatismo será equivalente ao nível de medo e ansiedade que o forcado está a experienciar nesse momento. Ao cabo do grupo, cabe a gestão do medo dos restantes forcados bem como proporcionais apenas actividades para a distração dos mesmos.
Para os que não sabem, "um forcado não pega onde se farda". E neste caso, os forcados fardaram-se na Póvoa de Varzim. Terra de tradição tauromáquica. Um ambiente seguro e acolhedor. Depois de fardado, um Homem é mais do que si mesmo, é um Forcado.

Celebramos a valentia e os acontecimentos extraordinários que tomaram lugar há quase 50 anos a trás de forma *sui generis* no contexto da prática da Pega Doméstica.

O próprio sarau de *Pega Doméstica* é em si um evento de estreia mundial – É pela primeira vez aberto ao público uma sessão de pega doméstica.
A Pega será realizada por jovens membros e filhos varão de forcados domésticos que tem uma postura mais permissiva à invasão de privacidade e permitiram que os convidados assistissem à Pega de "cara aberta" ou seja sem vendas ou filtros de qualquer espécie.

Porto – A cidade com maior índice de forcados Domésticos menores de 25 anos

Se Braga é a Capital da Juventude, o Porto é a capital da Juventude Doméstica.
É aqui que existe o primeiro grupo de forcados domésticos constituído apenas por jovens e que actuam sem a presença de seniores.
Este grupo de jovens forcados domésticos destaca-se pela sua valentia e rebeldia. São da geração *facebook* e de certo modo estiveram por de trás da viabilização deste sarau em parceria com o Movimento Feminino de Apoio à Forcadagem.

Considerações aos aficionados novos ou curiosos

Intervenções por parte do público

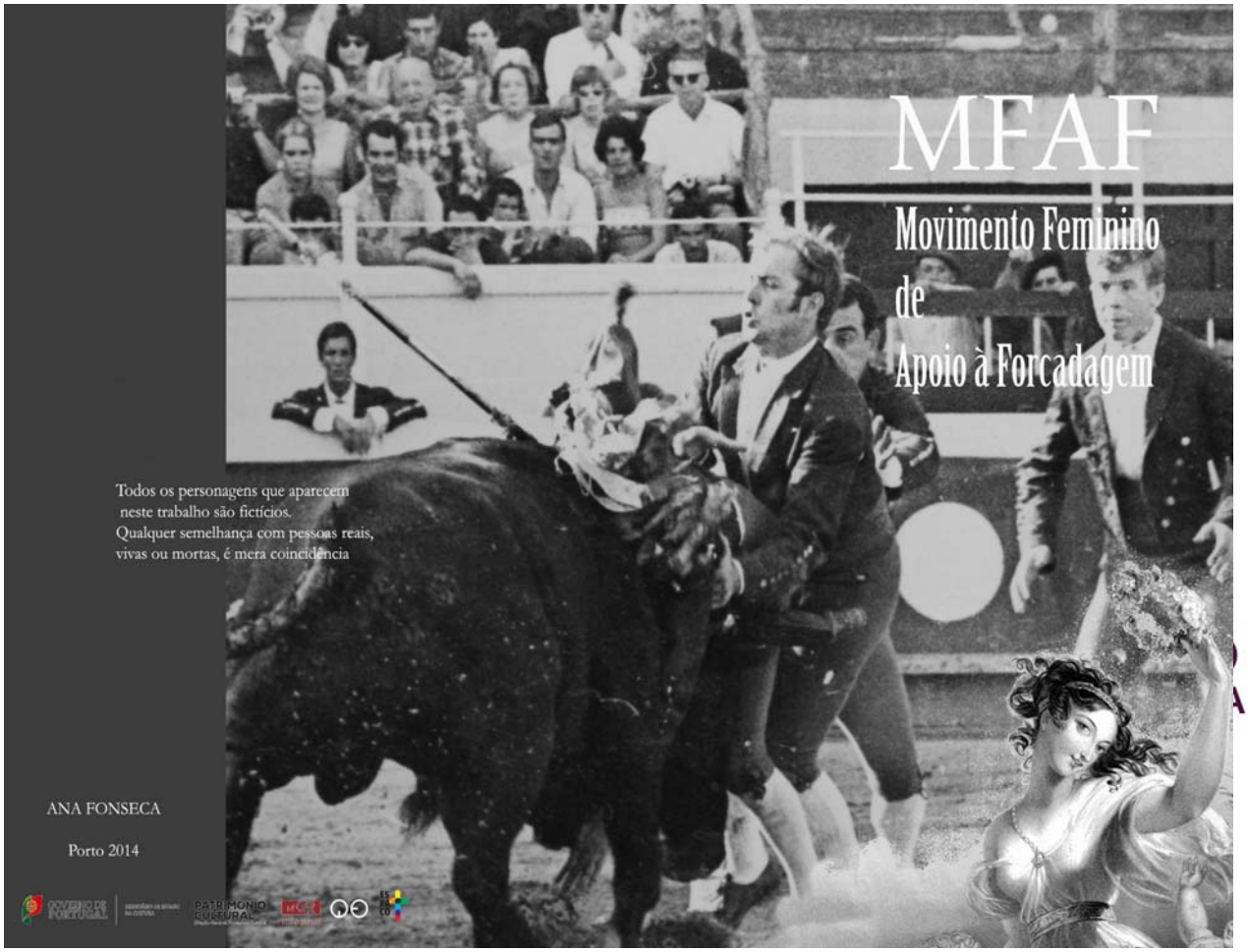
Se é importante um ambiente de respeito e tradição na praça de touros, isto é mais elevado no contexto da pega doméstica e portanto qualquer falta é de imediato recriminada por olhares e sussurros dos demais. Algo a evitar.

Seja cauteloso e use o seu bom senso. Leve um caderno de notas e aponte as frases mais usadas e as circunstâncias às quais foram empregues. A observação é fulcral se deseja compreender e por ventura um dia tomar parte neste meio cheio de verdade e tradição (nunca é demais repetir). A intimidade de uma 'pega' doméstica é decerto notada nas acções e postura de todos os envolvidos, quer empreguem uma atitude passiva ou activa no espectáculo. Durante a narração a manifestação ocorre apenas com o convite do narrador: - Palmas do público!

Isto é crucial especialmente nas lides reminiscentes. Nas lides lúdicas há margem para expressão pessoal (contida). Entre jovens, no entanto, são completamente livres dado os altos níveis de alcoolismo e por ventura de outras substâncias … Tragédias! Tragédias! (Não podemos, mesmo sendo de certa tradição e envolvendo membros de famílias conhecidas negar esta prática. esclarecer e que fique explícito o profundo desgosto e desagrado por parte dos autores e editores de tais práticas das quais NUNCA tomámos parte e chegaram ao nosso conhecimento através de conhecidos [não muito chegados] e artigos de revistas de sociedade, menos próprias, [que não compramos mas que se encontram em salas de espera de consultórios e barbeiros por todo país])

Oferta de objectos para a arena

Tal como na pega de arena, objectos são atirados ao círculo. Neste caso, nada que faça sujidade: peças de vestuário (luvas pretas de cetim; chapéus; casacos), ourivesaria (em salas alcatifadas), flores (de cores garridas e nunca lírios ou flores que possam manchar com o pólen).



Quem somos:

O Movimento Feminino de Apoio à Forcadagem é constituído por mães, irmãs, mulheres, namoradas (com pelo menos um ano de namoro), viúvas, netas, sobrinhas, enteadas, cunhadas de Homens que contribuem ou contribuíram de forma notável no âmbito das pegas de touros. O que nos une são os laços de sangue e afecto com estes honradíssimos heróis da cultura portuguesa: Os Forcados.

Como surge o MFAF

A MFAF surge em pleno espectáculo tauromáquico, ou seja, durante uma pega de touros.

Após um momento de consolo entre um grupo de namoradas de forcados do *Grupo de Forcados Amadores do Alto Alentejo*, rezam as crónicas que ao verem os seus idolatrados serem massacrados pelo "oponente"…resolveram por bem ponderar. Entre lágrimas e com os seus puros corações inundados de angústia partilharam experiências. Sentiram então que deveriam ter um papel mais activo na vida tauromáquica dos forcados, bem como criar uma plataforma de inter-ajuda. Assim, numa tarde fria de Novembro do ano de 1956, a primeira reunião, do que viria a ser o MFAF, concretizou-se.

Desde então, o movimento floresceu, de forma muito discreta, e neste momento goza de uma forte projecção a nível nacional.

A nossa missão

A missão do MFAF é proporcionar aos Forcados, todo o apoio e comodidade durante a época tauromáquica. O Homem-forcado tem necessidades especiais durante este período que devem ser satisfeitas sem hesitação.

A máxima pela qual o MFAF se rege é:

A beleza e graciosidade vêm do serviço incondicional à causa da forcadagem.

Assinala Dona Beatriz de Matos que as participantes deste inestimável movimento independente da sociedade civil, conhecido por *A irmandade das papoilas*, pautam-se pelo lema: " serem umas para as outras!" Constituem um grupo de apoio às familiares (femininas) de forcados em necessidade (emocional e / ou de bons modos).

O lugar da mulher na "Festa Brava"

A analogia perfeita para o "verdadeiro" lugar da mulher na Tauromaquia será o labirinto do *Minotauro*.

A mulher encontra-se fora do labirinto, com a função de manter a ligação entre a batalha e a vida fora da arena.

O duelo entre a besta e Homem… não tem lugar na cultura feminina, nem qualquer propósito. À mulher nunca foi proveitoso "tentar" ser homem.

É de olhar baixo e coração ardente que a mulher deve triunfar, quer em sociedade, quer na vida privada. Aplaudir e vibrar com os actos heróicos dos Homens-forcados satisfaz as verdadeiras mulheres que prezam a sua feminilidade.

O êxtase para uma *Papoila* é limpar com o seu lenço virginal o suor, sangue e areia da face de um forcado. É a suprema consagração de todos os méritos recebidos pelos múltiplos serviços prestados.

MFAF e a RAFD:

Um casamento feliz

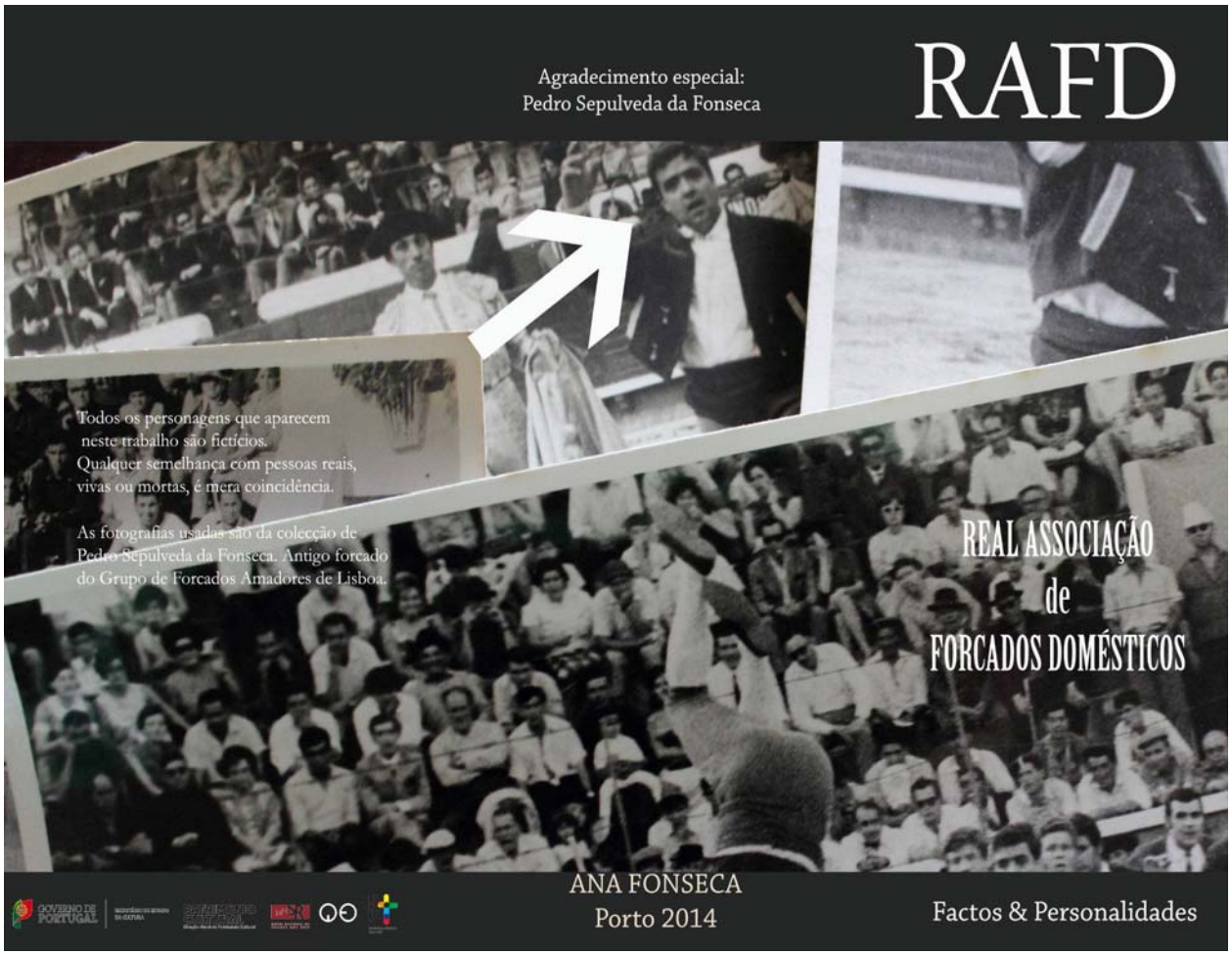
A Real Associação de Forcados Domésticos já há muito conhecia e valorizava o trabalho que o Movimento de Apoio à Forcadagem havia desenvolvido durante décadas, apoiando os "forcados de arena".

Apenas em 2006, o MFAF tomou conhecimento da existência da Pega Doméstica e desde então tem vindo a manifestar o seu interesse em assistir e apoiar este nobre movimento.

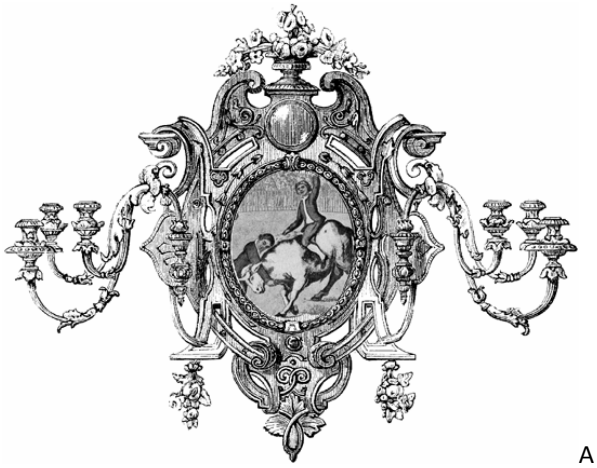
Tendo em conta a natureza da Pega Doméstica, este processo não foi fácil.

Apenas na época tauromáquica de 2012/2013 foi concedida a duas Papoilas estarem presentes num Sarau de Pega Doméstica. A participação foi condicionada, pois foi-lhes exigido que vendassem os seus olhos e retirassem os sapatos de salto.

Desde então, a relação entre a MFAF e a RAFD tem florescido e dado frutos, pois recentemente ficou estabelecido que, durante cada época tauromáquica, será autorizada a presença de Papoilas em, pelo menos, um Sarau de Pega Doméstica no território nacional.



A origem da PEGA DOMÉSTICA



A pega doméstica foi concebida como uma forma híbrida da pega de arena de origem portuguesa, sendo relativamente recente, pois datável da primeira metade do século XXI.

Diz-se que este desporto ou jogo lúdico de salão foi inventado por um forcado.

A pega doméstica moderna inicia-se com o infortúnio de Paulo Capacho, 1853 – 1926 (Tipógrafo e músico). Em 1870, Paulo Capacho, então com 17 anos, sofrera um grande trauma numa corrida de touros em

Santarém. Foi vítima de uma amnésia parcial, tendo perdido sua valentia e espírito rijo – aquilo que singulariza o herói moço de forcado.

Na busca da sua valentia, todos os dias fardava-se, treinava os passos, imaginava o touro e aquilo que havia de fazer.
Primeiro começou por pôr um pau como oponente.
Pouco a pouco foi conquistando coragem até mandar montar uma cabeça de toiro numa estrutura de madeira com rodízios.

Certo dia, sentiu-se pronto e o espírito rijo brilhou novamente em sangue, damasco e areia!

A sua confiança e método fizeram dele um dos forcados mais conhecidos no século XIX. Não tardou muito, para se tornar popular entre os forcados de arena.

Constituição da RAFD

A história da RAFD e da Pega Doméstica são praticamente uma só, pois um dos membros-fundadores foi o próprio Paulo Capacho, juntamente com Gonçalo Hastigrosso; Vítor Afogueado; Filipe Hastifino; Benedito Cuna; Ricardo Silvado.
Paulo Capacho, nos meses que se seguiram à consumação da sua retomada de consciência da sua valentia estava muito contente consigo mesmo. Este estado de alma, não passou desapercebido.

Entre desgarradas e já sobre os efeitos de Bacco, Capacho desafia os seus amigos mais próximos para irem a sua casa. Quando perguntaram o porquê, Capacho em tom de jocoso e enigmático diz: Para " conhecerem o caminho de Fénix". Gonçalo Hastigrosso, com reticências aceitou o convite ao achar que de um alucinógeno se tratasse.
Mas o caminho de Fénix, nada mais é do que a metáfora para o seu processo de "auto-ajuda".

Foi nessa noite que a primeira Pega Doméstica foi praticada em grupo. A comunhão do espírito tauromáquico foi uma experiência única. No entanto, os seis amigos tiveram a consciência de que esta prática poderia ser mal interpretada, resolvendo assim mantê-la em segredo.

As reuniões passaram a ser feitas com alguma regularidade, em sigilo e sempre em casas particulares de linhagem doméstica.

O nome e as regras: O contributo inestimável de Sir J. Tilby

Sir J. Tilby (1846 – 1909), um Homem de letras e explorador inglês é o responsável pela formalização da Pega Doméstica e por alguns dos aspectos mais marcantes da RAFD que *standed the test of time,* como dizem os ingleses.

Em 1875, por intermédio de Benedito Cuna, conheceu o historiador inglês sir J. Tilby. Impressionado com o seu conhecimento da cultura Ibérica e um grande aficionado. Compreendia que ser-se forcado é muito mais do que se vê "em praça".

Cuna arriscou e convidou Tilby para o que denominou de uma "Tertúlia de Pega".

Apesar do seu espírito de aventura, Tilby ficou perturbado com a desarmonia causado pela completa falta de método e ausência de regras para aquela actividade derivada da pega de touros.
O primeiro passo foi sugerir o nome de Pega Doméstica, por serem sempre consumadas em casas particulares em ambiente intimista. A outra "regra" conhecida foi o baptizado Doméstico.

O Forcado Doméstico aspirante tem de ser "baptizado".

É no Baptizado Doméstico que o Forcado Doméstico Aspirante recebe o nome de Forcado Doméstico. Esse nome é formulado pelo paralelismo entre a morfologia do seu bigode em relação à configuração das hastes dos oponentes.

A RAFD no Porto

É de conhecimento geral que o Porto não é terra de aficionados, com excepção dos aficionados da Pega Doméstica.

Apesar da génese ribatejana da Pega Doméstica, o Porto tem uma longa tradição e conta com várias linhagens de Forcados Domésticos.

Existem várias teorias antropológicas e sociológicas que pretendem responder a esta questão. A teoria que é endossada pela RAFD prende-se com alguns aspectos singulares da Pega Doméstica, nomeadamente o seu cariz conceptual, sem crueldade, intimista, secretista e principalmente por ser independente dos demais agentes da festa brava.

Para "pegar" um touro doméstico não é preciso esperar pelo cavaleiro ou bandarilheiro.

Ana Fonseca




SERÃO DE
PEGA DOMÉSTICA
ESTREIA MUNDIAL
RAFD
Quase todos os personagens que aparecem neste trabalho são fictícios.
Qualquer semelhança com pessoas reais, vivas ou mortas, é mera coincidência
Especial agradecimento ao antigo forcado de arena, Pedro Sepulveda por partilhar as suas memórias e pelo acesso ao seu arquivo fotográfico.
ANA FONSECA
PORTO 2014
NOV 1964 / FEV2014
PROGRAMA
&
GUIA PRÁTICO

O que é a Pega Doméstica Reminiscente?

Usada pelos Cabos (tanto de arena como domésticos) para re-encenar pegas célebres ou como análise de pegas mal sucedidas pelo grupo anteriormente como parte do treino tanto físico como técnico.

Também popular com os antigos moços de forcado em serões entre amigos onde revivem os 'outros tempos' de heroísmo e camaradagem. Os moços que guardam as suas fardas e que ainda as podem vestir, cheios da valentia e espírito rijo dos tempos passados fardam-se mais uma vez para ouvir as direcções do cabo e brilharem juntamente com amigos e familiares.

Comemoração dos quase 50 anos das míticas touradas do Palácio de Cristal

O ano de 1964 foi marcante por diversas razões como por exemplo a primeira aparição de Jaqueline Kennedy na televisão desde o assassinato do seu marido, Elizabeth Taylor divorcia-se de Eddie Fisher (4º divórcio), Portugal estava em plena Guerra Colonial, Nelson Mandela é sentenciado a pena perpétua.

Apesar da fragmentada e insípida tradição tauromáquica que a cidade do Porto tem, foi aqui que algo de extraordinário teve lugar. A história é feita de momentos como estes.

O Palácio de Cristal foi palco de dois eventos improváveis na história da cidade do Porto, que mudariam para sempre o curso da tauromaquia mundial. Foi devidamente adaptado para praça de touros, onde se realizaram as duas extraordinárias corridas e o mundo pode apreciar o espectáculo tauromáquico em recinto fechado pela primeira vez na sua história!
Salvação Barreto, cabo do Grupo de Forcados Amadores de Lisboa foi um dos impulsionadores deste evento, que contou com grandes nomes do mundo tauromáquico. Os lucros reverteram para a causa nobilíssima do Movimento Nacional Feminino.
Para além das circunstâncias e condições únicas que estão por detrás destas gloriosas corridas de luxo, verdadeiramente inesquecível dentro e fora da arena, a que certamente mais vai interessar os aficionados novos e curiosos será, certamente, o facto de muitos foram os touros que saltaram da praça para a trincheira. Touros pequenos mas cheios de bravura. As restantes são certamente muito técnicas e complexas e não vos queremos aborrecer com isso.

Uma pequena nota sobre os momentos que antecedem a pega:

É pela hora do almoço que os moços de forcado se separam das suas mulheres (oficiais ou oficiosas) para de seguida se juntarem aos restantes membros do grupo de forcados.
Inicia-se assim a verdadeira preparação para o derradeiro momento: a pega do touro!
As emoções não são verbalizadas, são expressadas pela recordação de momentos mais ou menos traumáticos (o nível de dramatismo será equivalente ao nível de medo e ansiedade que o forcado está a experienciar nesse momento. Ao cabo do grupo, cabe a gestão do medo dos restantes forcados bem como proporcionais apenas actividades para a distração dos mesmos.
Para os que não sabem, "um forcado não pega onde se farda". E neste caso, os forcados fardaram-se na Póvoa de Varzim. Terra de tradição tauromáquica. Um ambiente seguro e acolhedor. Depois de fardado, um Homem é mais do que si mesmo, é um Forcado.

Celebramos a valentia e os acontecimentos extraordinários que tomaram lugar há quase 50 anos a trás de forma *sui generis* no contexto da prática da Pega Doméstica.

O próprio sarau de *Pega Doméstica* é em si um evento de estreia mundial – É pela primeira vez aberto ao público uma sessão de pega doméstica.

A Pega será realizada por jovens membros e filhos varão de forcados domésticos que tem uma postura mais permissiva à invasão de privacidade e permitiram que os convidados assistissem à Pega de "cara aberta" ou seja sem vendas ou filtros de qualquer espécie.

Porto – A cidade com maior índice de forcados Domésticos menores de 25 anos

Se Braga é a Capital da Juventude, o Porto é a capital da Juventude Doméstica.

É aqui que existe o primeiro grupo de forcados domésticos constituído apenas por jovens e que actuam sem a presença de seniores.
Este grupo de jovens forcados domésticos destaca-se pela sua valentia e rebeldia. São da geração *facebook* e de certo modo estiveram por de trás da viabilização deste sarau em parceria com o Movimento Feminino de Apoio à Forcadagem.

Considerações aos aficionados novos ou curiosos

Intervenções por parte do público

Se é importante um ambiente de respeito e tradição na praça de touros, isto é mais elevado no contexto da pega doméstica e portanto qualquer falta é de imediato recriminada por olhares e sussurros dos demais. Algo a evitar.

Seja cauteloso e use o seu bom senso. Leve um caderno de notas e aponte as frases mais usadas e as circunstâncias às quais foram empregues. A observação é fulcral se deseja compreender e por ventura um dia tomar parte neste meio cheio de verdade e tradição (nunca é demais repetir). A intimidade de uma 'pega' doméstica é decerto notada nas acções e postura de todos os envolvidos, quer empreguem uma atitude passiva ou activa no espectáculo. Durante a narração a manifestação ocorre apenas com o convite do narrador: - Palmas do público!

Isto é crucial especialmente nas lides reminiscentes. Nas lides lúdicas há margem para expressão pessoal (contida). Entre jovens, no entanto, são completamente livres dado os altos níveis de alcoolismo e por ventura de outras substâncias … Tragédias! Tragédias! (Não podemos, mesmo sendo de certa tradição e envolvendo membros de famílias conhecidas negar esta prática. esclarecer e que fique explícito o profundo desgosto e desagrado por parte dos autores e editores de tais práticas das quais NUNCA tomámos parte e chegaram ao nosso conhecimento através de conhecidos [não muito chegados] e artigos de revistas de sociedade, menos próprias, [que não compramos mas que se encontram em salas de espera de consultórios e barbeiros por todo país])

Oferta de objectos para a arena

Tal como na pega de arena, objectos são atirados ao círculo. Neste caso, nada que faça sujidade: peças de vestuário (luvas pretas de cetim; chapéus; casacos), ourivesaria (em salas alcatifadas), flores (de cores garridas e nunca lírios ou flores que possam manchar com o pólen).

Biografia 2013

Ana Fonseca nasceu em São Paulo (1978), vive e trabalha em Lisboa. Artista Plástica.
Licenciou-se na Middlesex University, Londres (2003), estudou na Chelsea College of Arts Foundation in Art and Design, Londres (1999-00).
Das exposições individuais, destacam-se "Almack's#1" , peça em exposição no Museu Nacional dos Coches, Lisboa desde 2011; "Viagem Pitoresca e Histórica a Portugal", Gad Galeria, Antiques design , Lisboa (2011) ; "Put your thinking helmet on" ,Spazio Dual, Lisboa (2009); "Pega Doméstica II", Centro Cultural do Cartaxo, Cartaxo (2008); "I.N.S.U.R.G.E.N.C.Y.", Galeria Luís Serpa Projectos, Lisboa (2007).
Das exposições Colectivas, destacam-se participação da 7ª Bienal de São Tomé, (2014 "Marco António and friends" – Plataforma Revólver, Lisboa (2013); "Arquivos Secretos" – Arquivo Fotográfico de Lisboa, Lisboa (2012); Mostra colectiva de desenho "…(chamo silêncio à linguagem-que-já-não-é-orgão-de-nada)…", Quase Galeria, Porto (2012); "O Peso e a Ideia" – Plataforma Revólver, Lisboa (2012); "15 anos, 15 artistas" – Gad Galeria, Antiques design , Lisboa (2011); "Laboratório Welcome" Museu de Artes Decorativas da Fundação Ricardo Espírito Santo, Lisboa (2010); Projecto Artístico e curadoria "…andthenagain…", Museu da Cidade – Pavilhão Preto, Lisboa (2010); Vestígio, Pavilhão 28 - Hospital Júlio de Matos, Lisboa (2009); Laboratório Afectos, Quinta das Lágrimas, Coimbra (2008); CABINET D'AMATEUR II Ou A Arte Como Modo De Vida, Galeria Luís Serpa Projectos, Lisboa (2006); ACCROCHAGE 01/06_Nova Geração, Galeria Luis Serpa Projectos, Lisboa (2006); I CAN C MY WAY HOME, Spacex Gallery, ExeterUK. Participação como artista convidada por Michael Curran e TaricAlvi. (2004).
Residências: Actualmente em residência no Ginásio Clube Português (2013/ 2014) no contexto do projecto Exótico Europeu; Fundação António Prates; Viagens Invisíveis, organizada pela Xerém em São Tomé; Fundação António Prates, Ponte Sôr (2008).
Artigos em revistas sobre o seu trabalho Blue Print (UK); TimeOut Lisboa ; revista Umbigo; L+Arte; Edit Magazine. Artigos em revistas e jornais onde o seu trabalho é mencionado Visão; Expresso; Diário Económico.

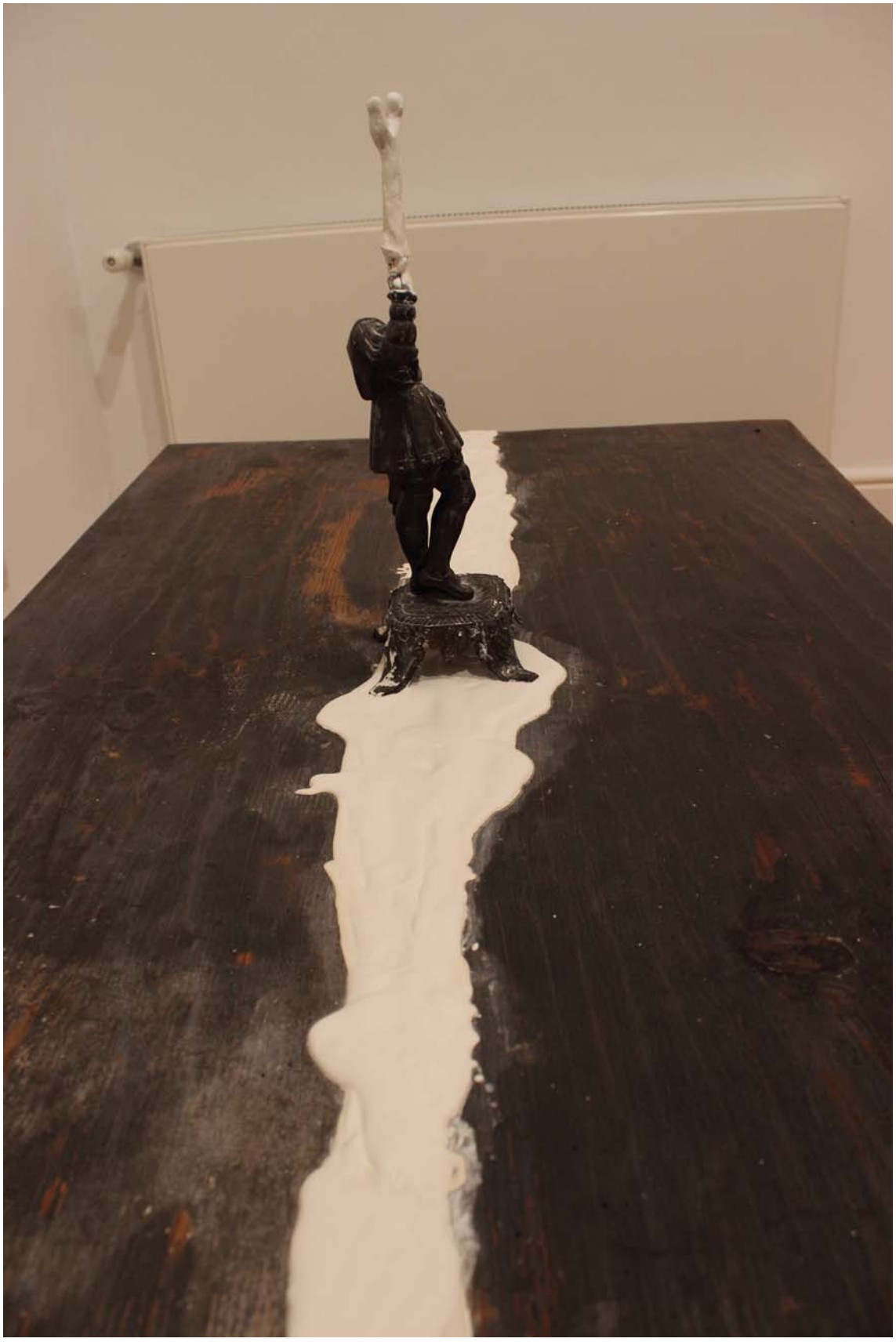
Prática Artística
A prática artística de Ana Fonseca é marcada pela estética heterogénea, resultante de um reabitar de diferentes períodos históricos, sinais culturais que servem de pontos de referência, mais ou menos explícitos para o observador.
Actualmente a desenvolver um macro-projecto centrado nas questões derivadas da identidade europeia intitulado "Exótico Europeu".
Exótico Europeu tem como objectivo debater as questões ligadas à identidade cultural europeia. Ela existe, se bem que, internamente e externamente, pode se questionar em que moldes. O "ponto de vista europeu", como produto de exportação, marca ainda a nossa relação com o exterior.
Exótico europeu é uma definição e conceito em desenvolvimento que tem como ponto de partida tudo aquilo que a artista considere como singular na cultura europeia. Estas escolhas foram feitas com base em memórias, factos históricos e "cultura popular" como filmes, literatura, etc.., alguns mais perceptíveis ou consensuais do que outros.
A matriz da sua pesquisa é uma linha cronológica de eventos e situações que, de alguma forma foram determinantes para a sua identidade, quer do ponto de vista histórico, quer no âmbito da história familiar (ancestralidade, histórias de família e costumes/ mitos). Este cariz autobiográfico não se prende apenas à sua vivência mas sim, num sentido mais lato às três culturas que mais a influenciaram até ao momento: Brasileira (1978-1991); Portuguesa (1991 – 1999/ 2007- 2012) e Inglesa (1999 – 2007).














RAFD
Chocolats
fins









Agradecimentos:
Pedro Sepúlveda, José António Cunha, José António Costa, Miriam Magalhães, Pedras & Pessegos

Performance:
Intérpretes **Bruno Marques, Diogo Borges, Diogo Santos, Diogo Almeida, Miguel Nogueira e Xavier Belinha** (3º ano do curso de dança do balleteatro escola profissional), **Paulo Faria e Rui Machado** (2º ano do curso de dança do balleteatro escola profissional), **Luís Cerqueira e Nuno Alves** (3º ano do curso de teatro do balleteatro escola profissional)
Músicos **Strangese** (dir. Francisco Monteiro)

Exposição:
Coordenação > Quase Galeria/Espaço T Leonel Morais
Montagem > QuaseGaleria > Leonel Morais e José António Costa
Fotografia > Maria Campos, Miriam Magalhães e Rita Xavier Monteiro
Vídeo > José António Cunha (CineClube Porto)
Produção > Rita Xavier Monteiro e José Manuel Costa Reis (MNSR)
Apoio > Jaime Guimarães (MNSR)e Paula Lobo (MNSR)

QUASE GALERIA
Rua do Vilar, 54
4050-625 Porto
dci@espacot.pt | www.espacot.pt
Seg. a Sexta das 10:00h às 13:00h
e das 14:00h às 18:00h